

Estudos sobre Intervenção Psicológica em Situações de Emergência, Crise e Catástrofe

Coordenação de
Marina Carvalho



PSICOLOGIA DAS CRISES E DAS CATÁSTROFES: O IMPORTANTE PAPEL DE FACTORES COGNITIVOS E AFECTIVOS NA PERCEPÇÃO DE RISCO DE TERRORISMO

Patrícia Arriaga,* Nelson Félix & Eduardo Ulrich

O terrorismo é um fenómeno multifacetado e, por essa razão, não existe uma teoria única capaz de explicar por completo as actividades terroristas (Canter, 2009). Embora uma definição também não contemple as particularidades das várias formas de terrorismo (e.g., doméstico, internacional, terrorismo de estado, transnacional), é consensual que envolve actos praticados contra um governo ou classe dominante, com a intenção de gerar insegurança nos dirigentes políticos e o medo da população civil, com o propósito de abalar as estruturas do estado social vigente (Félix, 2004). É igualmente consensual que as principais motivações são a manifestação de perspectivas políticas, ideológicas ou religiosas, com o intuito de protestar contra as políticas vigentes de modo a obter mudanças sociais e/ou económicas. É central para a maioria das organizações terroristas que a percepção de ameaça assuma prioridades que se posicionem acima de outras preocupações sociais e políticas (Breckenridge & Zimbardo, 2007; Richardson, 2006). Já em 1987, na Declaração de Geneva sobre o Terrorismo (Nations, 1987) foi destacado que a característica distintiva do terrorismo é o Medo. Para maximizar a crise em torno desta ameaça pública, os alvos dos terroristas são geralmente civis, desenvolvendo-se a ideia de que qualquer cidadão é um alvo potencial (Breckenridge & Zimbardo, 2007).

Actualmente a literatura em torno dos efeitos psicológicos e comportamentais do terrorismo é abundante (DiMaggio & Galea, 2006). A investigação nesta área tem procurado identificar o vasto conjunto de determinantes psicológicos das respostas individuais face a este tipo de ameaça, o que inclui factores afectivos, cognitivos e socio-demográficos.

Em termos da percepção de risco, a literatura tem evidenciado que as estimativas de risco tendem a ser sobreestimadas se o evento tiver causas "não naturais", for involuntário, imposto, não familiar e desconhecido; se for considerado moralmente "errado" e injusto; se os perpetradores tiverem sido bem sucedidos no passado e

* Centro de Investigação e Intervenção Social (Cis-IUL / ISCTE-IUL). A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Patrícia Arriaga, Centro de Investigação e Intervenção Social (Cis-IUL / ISCTE-IUL), Edifício ISCTE/IUL, Avenida das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa; E-mail: patricia.arriaga@iscte.pt

não forem de confiança; se as potenciais consequências negativas forem incertas, catastróficas, irreversíveis e raras; e se for alvo de bastante divulgação pelos *media* (para uma revisão ler Slovic, 2000). Todos estes factores podem explicar em parte as razões pelas quais o terrorismo tende a ser considerado mais assustador e sobrestimado em termos de risco, quando comparado com outras catástrofes.

A investigação tem também mostrado que as acções percebidas como tendo intenções malévolas – como no caso das acções terroristas - tendem a exercer um forte impacto emocional. Por exemplo, Norris e colaboradores (2002), ao reverem as consequências psicológicas de vítimas de 102 desastres e catástrofes, verificaram que as vítimas de violência de massas tendem a apresentar sintomas de depressão e a desenvolver perturbações de ansiedade (e.g., stress pós-traumático) com maior severidade, por comparação com vítimas de desastres naturais ou tecnológicos (Norris, Friedman, & Watson, 2002; Norris, Friedman, Watson, et al., 2002). Existe, no entanto, uma grande variabilidade de respostas individuais face a eventos traumáticos, sendo os mais vulneráveis os indivíduos que já foram diagnosticados com perturbações mentais, as crianças mais novas e os idosos (Beutler, Reyes, Franco, & Housley, 2007; Cohen, Chazan, Lerner, & Maimon, 2010; Norris, Friedman, Watson, et al., 2002). Fredrickson, Tugade, Waugh e Larkin (2003), por outro lado, ao analisarem o estado emocional dos cidadãos americanos no início de 2001 e poucas semanas após os atentados do 11 de Setembro, verificaram que houve um aumento no relato de emoções negativas (com predomínio da raiva, da tristeza e do medo), mas também um maior relato de emoções positivas (e.g., gratidão pelas vidas poupanças, aumento da intensidade de afecto positivo para com amigos e familiares). Os autores verificaram ainda que a frequência de emoções positivas reportada se mostrou positivamente associada à resiliência dos inquiridos, enquanto as emoções negativas apresentaram uma relação negativa com a resiliência, o que levou os autores a concluir sobre a importância de factores individuais, e das emoções em particular, no modo como se lida com situações traumáticas como o terrorismo.

Embora a pesquisa acerca do terrorismo se tenha centrado fundamentalmente em comunidades que se caracterizam por intensos conflitos políticos ou por terem sido vítimas directas de atentados terroristas (Lev-Wiesel, Al-Krenawi, & Sehwail, 2007; Schuster et al., 2001), o papel que os meios de comunicação têm desempenhado na difusão desta problemática tem contribuído para o crescente interesse

em torno dos efeitos negativos indirectos desta problemática nos cidadãos por todo o mundo, ao qual Portugal não é alheio. A difusão massiva dos trágicos eventos que sucederam no 11 de Setembro teve igualmente um impacto emocional significativo no cidadão, que se estendeu para além dos envolvidos directamente. O número de viagens aéreas reduziu abruptamente, os mercados financeiros ressentiram-se e a opinião pública em relação ao governo sofreu mudanças significativas em alguns países (Fischhoff, Gonzalez, Lerner, & Small, 2005). Realce-se por exemplo o efeito dos atentados terroristas em Madrid nos resultados eleitorais e subsequente política estrangeira (cf. Breckenridge & Zimbardo, 2007).

A forma, muitas vezes gratuita, como as notícias sobre estes eventos são divulgadas tem mostrado exercer um forte impacto emocional. Huddy e colaboradores (2003), por exemplo, verificaram que os indivíduos com maior consumo de televisão (TV) eram os que reportavam maiores reacções psicológicas adversas. Num estudo conduzido em Israel, Keinan, Sadeh, e Rosen (2003) mostraram igualmente que uma maior exposição à cobertura televisiva dos atentados se associou a um aumento dos sintomas nesta população.

De um modo geral, a investigação tem mostrado que vários processos psicológicos, como a atenção e a memória, tendem a dar prioridade a eventos negativos com forte intensidade emocional (Baumeister, Bratslavsky, Finkenauer, & Vohs, 2001), o que pode explicar, em parte, o facto de os *media* explorarem o terrorismo para aumentar as audiências, proporcionando ao público notícias dramáticas e violentas (Keinan, et al., 2003). Aliás, a relação "símbiotica" entre os *media* e o terrorismo tem sido destacada por muitos autores (Keinan, et al., 2003), já que os terroristas também aproveitam os meios de comunicação social para expor a causa, divulgar os seus interesses, fazer exigências, e induzir o medo no público em geral.

Embora Portugal não tenha sido alvo de atentados terroristas na última década, a realidade é que através dos meios de comunicação social os portugueses recebem informação, não apenas sobre atentados que ocorrem mundialmente, mas também de que o nosso País tem sido usado por parte de organizações terroristas como local de preparação para actos terroristas. Ameaças de atentados aos estados membros ocidentais têm sido divulgadas, pelo que é veiculada a ideia de que Portugal poderá ser alvo de terrorismo. De acordo com o Relatório da Europol (Europol, 2009), a ameaça de terrorismo islâmico, separatista e de grupos esquerdistas e

anarcas permanece uma preocupação para os Estados membros, embora tenha reduzido o número de atentados de 2007 para 2008 em 24%. De qualquer modo, em 2008, foram reportados 515 atentados terroristas em sete estados membros da União Europeia (Áustria, França, Grécia, República da Irlanda, Itália, Espanha e Reino Unido) e confirmada a presença de bases da ETA em Portugal. Mário Mendes, secretário-geral do Sistema de Segurança Interna, referiu em entrevista ao Diário de Notícias a 9 de Maio de 2010, que o terrorismo é uma ameaça real para todo o mundo à qual Portugal não está imune.

Neste sentido, após os atentados terroristas que sucederam nos Estados Unidos (11 de Setembro de 2001), em Madrid (11 de Março de 2004) e em Londres (7 de Julho de 2005), surgiu o interesse em identificar algumas das variáveis psicológicas preditoras da percepção dos Portugueses sobre o risco de terrorismo (Estudo 1), bem como os processos explicativos da relação entre as emoções desencadeadas pelos atentados e a percepção de risco (Estudo 2).

ESTUDO 1

O Estudo 1 centrou-se na identificação de variáveis individuais preditoras da percepção do risco para o próprio e para outra pessoa da mesma nacionalidade, sexo e idade. A percepção de controlo e o grau de confiança institucional, podem, na opinião de alguns autores, desempenhar um importante papel no modo como percepcionamos o risco (Anderson, 2008; Finucane & Holup, 2005). O *locus* de controlo reflecte o grau de controlo que a pessoa crê ter sob os eventos, i.e., em que medida acredita que os eventos poderão estar sob o seu controlo (*locus* de controlo interno) ou sob o controlo de factores externos (*locus* de controlo externo), podendo o resultado ser decorrente da sorte, do destino, do acaso, ou resultantes da acção de outras pessoas ou instituições poderosas (Rotter, 1966). É possível que o *locus* de controlo possa estar associado ao modo como habitualmente percebemos a incerteza e o risco (Anderson, 2008), sendo esperado que um locus de controlo externo, independentemente do controlo ser exercido por outros poderosos ou devido a factores como a sorte ou o "destino", se mostre associado a uma maior percepção de risco. A literatura também sugere que a percepção de risco se mostra associada ao grau de confiança que os cidadãos depositam nas instituições responsáveis por diminuir ou controlar o risco (Finucane & Holup, 2005). Deste modo, enquanto potenciais preditoras, foram avaliadas as seguintes

variáveis: o *locus* de controlo, a frequência de exposição aos meios de comunicação social, a confiança institucional e a confiança nas medidas de segurança que Portugal tem vindo a adoptar face ao terrorismo, a idade, e o conhecimento directo de vítimas.

MÉTODO

Participaram 381 indivíduos de ambos os sexos no Estudo 1, tendo uma média aproximada de 30 anos de idade ($M = 29.93$; $DP = 10.28$).

Para avaliar a percepção de risco os participantes foram solicitados a estimar a possibilidade de sete acontecimentos específicos (entre os quais "Sofrer um atentado terrorista") sucederem a si próprio e a uma pessoa do mesmo sexo e idade. Os itens apresentavam um formato de resposta de 7 pontos que variava entre 1 ("Nada provável") e 7 ("Extremamente provável"). Avaliou-se a percepção de risco para o próprio e para outra pessoa, pelo facto de a literatura mostrar que a maioria das pessoas considera as suas hipóteses de vitimização menores quando se compara com uma pessoa que apresente características semelhantes, especialmente para acontecimentos negativos futuros menos familiares, como é o caso particular de um atentado terrorista. Este fenómeno tem sido designado enviesamento optimista ou optimismo irrealista (Weinstein, 1980), percepção de imunidade pessoal ou de invulnerabilidade única (Perloff & Fetzer, 1986) e, apesar de não ser objecto de interesse para o presente estudo, as análises efectuadas permitiram confirmar este pressuposto para todas as situações de risco em avaliação: a percepção de risco de outra pessoa vir a ser alvo de um infortúnio foi efectivamente superior à percepção do risco do próprio ser vitimizado em todos os eventos apresentados. Os participantes foram ainda inquiridos acerca do conhecimento directo de vítimas dos atentados terroristas, pelo facto de ser esperado que o contacto com outras vítimas se mostre associado a uma maior percepção do risco (cf. Greening, 1997).

O *locus* de controlo foi avaliado através da versão portuguesa (Relvas, Serra, Saraiva, & Coelho, 1984) da escala multidimensional de *locus* de controlo ("IPC - Internal, Powerful others, and Chance"; Levenson, 1973). A IPC apresenta 24 itens (formato de resposta que varia entre 1 = "Discordo de maneira muito acentuada" e 6 = "Concordo de maneira muito acentuada") e avalia os seguintes três factores (oito itens cada): Internalidade, correspondente à expectativa de controlo

pessoal sobre os eventos (e.g., "Não conseguir ou não a vir a ser um chefe (líder) depende principalmente das minhas aptidões"); e dois factores de Externalidade: Outros Poderosos (e.g., "Tenho a sensação que o que acontece na minha vida é, em grande parte, determinado por outras pessoas poderosas") e Sorte (e.g., "Em grande parte a minha vida é controlada por factores accidentais"). Análise das qualidades psicométricas evidenciam que "Outros Poderosos" e "Sorte" avaliam aspectos comuns - ambos reflectem uma crença num *locus* de controlo externo -, e são relativamente opostos à Internalidade.

Tendo por base a investigação que mostra a importância dos meios de comunicação social na formação de crenças e julgamentos sociais (para uma revisão, ler Nabi & Oliver, 2009), procurou-se determinar o número de horas que o participante despendia a ver TV, num dia de semana e num dia de fim-de-semana; solicitou-se ainda o participante a estimar a quantidade de informação a que esteve exposto relativamente à temática do terrorismo islâmico nos distintos meios de comunicação social (e.g., TV; rádio; internet). A avaliação destas variáveis teve por base a teoria e investigação que tem evidenciado que a apresentação repetida de actos e ameaças de terror nos media tende a activar processos cognitivos e emocionais que podem ajudar a criar uma percepção desproporcionada de risco e de vulnerabilidade. Pelas características específicas deste tipo de informação negativa, a atenção pública é captada com maior facilidade e a percepção de um maior risco de futuros atentados é ampliada devido a heurísticas afectivas e cognitivas (para revisão, ler Breckenridge & Zimbardo, 2007).

Foi ainda avaliado o grau de confiança em 14 instituições nacionais (e.g., "Polícia Judiciária") e em quatro internacionais (e.g., "Organização do Tratado do Atlântico Norte") através de um formato de resposta de 5 pontos (1 = "Nenhuma confiança" a 5 = "Muita confiança"). Por fim, avaliou-se a confiança nas medidas Portuguesas de segurança antiterrorista através de quatro itens ($\alpha=.86$; e.g., "A Unidade de Coordenação Antiterrorista Portuguesa será capaz de antecipar um atentado em Portugal"), num formato de resposta de 8 pontos (1 = "Extremamente improvável" a 8 = "Extremamente provável").

A análise i
de outra p
análises d
em virtude
variáveis e
camente si
hecimento
externo (β :
 $r^2_{ajust} =$
se relevan
posição à
preditor co
que a exp
evento tra
crença de
sobressaiu
com o con
perior qua
estão sob
Este result
cepção de
de realçar
de outra j
teoria da c
mais tem
rodeia – e
crenças –
modo, a e
percepçõe
muito red
se consid
junto (Sha
que a var

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos preditores da Percepção de risco (i.e., possibilidade de o próprio e de outra pessoa serem vítimas de um atentado terrorismo) foi efectuada mediante análises de regressão linear múltipla (ARLM), recorrendo-se ao método *Stepwise*, em virtude de se tratar de uma análise exploratória relativa ao poder preditivo das variáveis em estudo. Apenas as variáveis que evidenciaram correlações estatisticamente significativas entraram na equação. Os resultados mostraram que o conhecimento directo de vítimas de atentados ($\beta=.20$) e um maior *locus* de controlo externo ($\beta=.21$) são preditores da percepção de risco do próprio sofrer um atentado ($r^2_{ajust} = .05$). Quanto à percepção de risco quando o alvo é o outro, mostraram-se relevantes o conhecimento de vítimas de atentado ($\beta=.18$), o tempo de exposição à TV ($\beta=.16$), e o locus de controlo externo ($\beta=.11$), $r^2_{ajust} = .07$. Assim, o preditor comum da percepção de risco de terrorismo (próprio e outro) é o contacto directo com vítimas de um atentado. Este resultado é compreensível se pensarmos que a experiência pessoal e um maior envolvimento com as consequências de um evento traumático podem torná-lo mais concreto e imaginável e aumentar a nossa crença de vulnerabilidade (cf. Greening, 1997). Em conjunto com esta variável, sobressaiu como preditor o *locus* de controlo externo, sugerindo assim, que a par com o contacto directo com vítimas, a percepção do risco para os inquiridos é superior quanto maior for a crença individual e generalizada de que os eventos não estão sob o seu controlo, mas são imprevisíveis e resultantes de factores externos. Este resultado evidencia a importância desta variável individual, ao nível da percepção de risco de um fenômeno extremo como é o caso do terrorismo. Por fim, é de realçar que o tempo de exposição à TV também mostrou ser preditor da percepção de outra pessoa ser alvo de um atentado. Este resultado está de acordo com a teoria da cultivação de crenças, que sustenta que os espectadores que despendem mais tempo a ver TV são os que têm maior probabilidade de ver o mundo que os rodeia – em termos de imagens, de valores, de representações, de ideologias e de crenças – através desse mesmo prisma (Shanahan & Morgan, 1999). De qualquer modo, a associação entre a exposição à TV e o desenvolvimento de determinadas percepções e crenças acerca do mundo, embora significativa, é habitualmente muito reduzida (.10), sendo que os valores tendem a variar ligeiramente quando se considera a importância de outras variáveis individuais e situacionais em conjunto (Shanahan & Morgan, 1999). No presente estudo, verificou-se igualmente que a variância explicada das variáveis preditoras foi extremamente reduzida e

com pouco poder explicativo da percepção de risco, sugerindo a necessidade de investigar outros factores para predizer julgamentos desta natureza.

Por fim; em termos de confiança institucional, verificou-se, de um modo geral, que os inquiridos depositam maior confiança nas instituições internacionais do que nacionais. Quanto à confiança nas políticas e medidas de segurança antiterroristas, a maioria reporta uma baixa confiança em geral, sendo que mais de 77% considera improvável que a unidade de coordenação antiterrorista Portuguesa seja capaz de se preparar e antecipar um atentado em Portugal, 80% dos inquiridos pensa que Portugal não terá sucesso nas medidas que tem vindo a adoptar no combate ao terrorismo; e 64% não considera que a segurança em Portugal tenha melhorado significativamente como resultado dos atentados terroristas nos outros países. A nível exploratório foram ainda analisados os preditores da Confiança nas medidas de segurança antiterrorista. A análise de regressão efectuada evidenciou três preditores: a confiança institucional¹, $\beta=.43$, $t(377)=9.10$, $p <.001$, o *locus* de controlo externo, $\beta=.16$, $t(377)=3.30$, $p <.01$, e o tempo de exposição à TV, $\beta=.11$, $t(377)=2.31$, $p <.05$. No conjunto, estes três preditores explicam 25% da variância da confiança e sugerem que quanto maior a confiança em instituições portuguesas e internacionais, maior o *locus* de controlo externo, e maior o tempo de exposição à TV, mais elevada é a confiança nas medidas de segurança contra o terrorismo. Foi interessante, por esta razão, constatar que apesar de o *locus* de controlo externo e o tempo de exposição à TV serem preditoras de uma maior percepção de risco, são igualmente factores importantes para uma maior confiança nas medidas de segurança antiterrorista em Portugal.

ESTUDO 2

Num segundo estudo, a importância de variáveis de natureza contextual e afectiva, como as emoções negativas decorrentes do confronto com eventos trágicos desta natureza, foram tidas em consideração e analisado o seu contributo para a percepção de risco.

¹ Inicialmente foram colocadas na equação como dois factores distintos, a confiança nas instituições internacionais e nacionais; porém atendendo à forte correlação entre ambas, $r(377)=.62$; $p < .001$, decidimos reagrupá-las e efectuámos a análise de regressão com a introdução na equação de uma nova variável: a Confiança institucional.

Desde inícios da década de oitenta que as teorias de processamento de informação têm vindo a realçar a importante relação entre afecto e cognição, evidenciando, por um lado, que os estados afectivos desempenham uma importante função “informativa”, ao determinar a valência e o conteúdo dos julgamentos e, por outro lado, um efeito no modo de processamento, afectando as estratégias usadas no processamento de informação (cf.Forgas, 2009). As emoções tendem assim a ser um poderoso factor determinante das cognições, embora os seus efeitos no comportamento sejam muitas vezes difíceis de prever (Burkitt, 2005).

Em relação aos julgamentos de risco, existe actualmente um número considerável de estudos que mostram que estas estimativas são fortemente influenciadas pelos estados afectivos (e.g., Henriques & Lima, 2003; Holtgrave & Weber, 1993; Johnson & Tversky, 1983; Lerner, Gonzalez, Small, & Fischhoff, 2003a, 2003b; Loewenstein, Weber, Hsee, & Welch, 2001; Slovic, Finucane, Peters, & MacGregor, 2002; Small, Lerner, & Fischhoff, 2006). De um modo geral, os estados afectivos negativos tendem a activar pessimismo, mesmo quando o evento que desencadeou a emoção não está associado ao risco avaliado (Johnson & Tversky, 1983). No entanto, a investigação mais recente tem destacado a importância de diferenciar o tipo de emoção, atendendo a que algumas emoções negativas específicas, como por exemplo a raiva, se mostram associadas a optimismo (Lerner & Keltner, 2000, 2001). Numa revisão da literatura, Schwarz (1990, p. 553) conclui que os efeitos cognitivos decorrentes de uma emoção específica podem ser preditos tendo por base a análise do significado da estrutura que está subjacente a essa emoção. Deste modo, a influência de uma emoção específica em julgamentos subsequentes deve corresponder ao padrão de avaliação que caracteriza essa emoção. Os resultados da investigação de Lerner e Keltner (2000, 2001) poderão ser explicados, se tivermos em consideração que a raiva está associada a percepções de segurança, certeza e controlo individual; por contraste, o medo, não apenas decorre de situações percebidas como muito incertas, como também evoca pensamentos de inssegurança e uma percepção de controlo situacional, sendo estes factores centrais para uma maior percepção de risco.

Neste sentido, para além da avaliação global da valência emocional (estado negativo vs estado positivo) considera-se importante investigar os efeitos dos estados emocionais, diferenciando o tipo de emoção.

No que diz respeito aos efeitos das emoções na percepção de risco de terrorismo em particular, Lerner e colaboradores (2003a) verificaram que o medo contribuiu para aumentar as estimativas de risco e a percepção de necessidade de efectuar medidas de prevenção, enquanto que a raiva teve efeitos opostos, i.e., mostrou-se associada a uma menor percepção de risco. Os autores verificaram ainda que a raiva contribuiu para maior suporte de medidas políticas punitivas, enquanto o medo se mostrou mais associado a políticas conciliatórias e à percepção da necessidade de investimento em medidas de prevenção. Numa linha de pesquisa semelhante, Huddy, Feldman, e Cassese (2007) investigaram a distinção entre a raiva e a ansiedade relativamente à percepção de risco e suporte à guerra no Iraque. Enquanto a raiva se mostrou associada a menor percepção de risco e maior suporte à guerra no Iraque, a ansiedade mostrou uma relação oposta, i.e., associada a maior percepção de risco e menor suporte à guerra.

Para além da diferenciação entre estas duas emoções básicas, pareceu-nos relevante ter em consideração a tristeza, por também ser uma emoção muito experienciada em eventos trágicos desta natureza (e.g., Fredrickson et al., 2003). A investigação mostra que quer o medo quer a tristeza estão associadas tipicamente a incerteza, enquanto a raiva se associa a um maior percepção de certeza nos julgamentos (Ortony, Clore, & Collins, 1988). DeSteno, Petty, Wegener, e Rucker (2000) verificou ainda que a indução de raiva contribuiu para que os participantes acreditassesem que os eventos associados a situações de raiva tinham maior probabilidade de ocorrer do que eventos tristes; por contraste, a indução de tristeza contribuiu para estimativas superiores de eventos tristes. Os autores verificaram ainda que estes resultados estavam relacionados com os indícios fornecidos pelo estado emocional, ou seja, análises de mediação evidenciaram que a raiva contribuiu para julgamentos de que o mundo é um lugar gerador de raiva, o que, por sua vez, influenciou as estimativas de ocorrência de eventos indutores de raiva; de modo congruente com o estado afectivo, a tristeza contribui para activar a crença de que o mundo é depressivo e, por sua vez, esta percepção afectou os julgamentos sobre a ocorrência de futuros eventos tristes. Este estudo evidencia a importância da compreensão dos mecanismos psicológicos da relação entre os estados afectivos e os julgamentos de risco, para além da diferenciação do papel de diferentes emoções negativas na percepção de risco.

Como foi a
situações d
emoções va
possam tai
que experi
das vítimas
respostas s
emoções e

Tendo por
sustentam
pessoa) e
a posição i
tendem a
dade de ci
cupação c
tratando-
pessoa" r
en quanto
Batson (1

Atendenc
cação pa
o seu pa

MÉTOD

A amostr
preendic
tureza e
distribui
específic
mediant
crição p
fizessem
de seis

smo
buiu
quar
y-se
rai-
edo
ade
nte,
sie-
nto
erra
per-

ele-
pe-
A
nte
os
ker
les

ca-
iza
am
lo
n-
or
a;
la
os
ba
os
el

Como foi atrás mencionado, a investigação tem mostrado que o confronto com situações de extrema violência e percebidas como injustas tende a desencadear emoções variadas e de forte intensidade – na maioria negativas, embora as pessoas possam também sentir alívio e gratidão por não terem sido vítimas. Mas será que experienciamos estas emoções porque nos identificamos com o sofrimento das vítimas, e/ou porque receamos ter o mesmo destino? E em que medida estas respostas se associam à percepção de risco e permitem explicar a relação entre as emoções e as estimativas de risco?

Tendo por base a Teoria do Mundo Justo, van Zomeren e Lodewijkx (2005, 2009) sustentam que a identificação com o sofrimento da vítima (identificação com a pessoa) e a identificação com a situação ou o destino da vítima (identificação com a posição da vítima) são dois processos relativamente distintos de identificação que tendem a regular sentimentos de ameaça quando o indivíduo não tem a possibilidade de culpar a vítima. A "identificação com a posição" corresponde a uma preocupação com a possibilidade de o destino da vítima também ocorrer ao próprio, tratando-se assim de uma preocupação auto-centrada; e a "identificação com a pessoa" remete para uma ligação psicológica com o sofrimento (injusto) da vítima enquanto pessoa, sendo muito semelhante ao conceito de empatia proposto por Batson (1998).

Atendendo à investigação que mostra a importância destes mecanismos de identificação para lidar com situações de violência extrema, foi testado no presente estudo o seu papel mediador da relação entre as emoções e a percepção de risco.

MÉTODO

A amostra do Estudo 2 é constituída por 105 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 42 anos ($M=23.15$ e $DP=45$). Este estudo, de natureza experimental, procurou induzir estados emocionais negativos, através da distribuição aleatória dos participantes por uma de três condições de emoções específicas: tristeza, medo ou revolta. A manipulação experimental foi efectuada mediante os seguintes dois procedimentos: (1) solicitou-se ao participante a descrição por escrito de aspectos que se relacionassem com o terrorismo e que lhes fizessem sentir a emoção alvo (cf. Lerner, et al., 2003a); (2) exposição a um vídeo de seis minutos de duração, com excertos de documentários televisivos sobre os

atentados terroristas que ocorreram nos E.U.A., em Madrid e em Londres. O vídeo que pretendeu induzir o medo continha mensagens que incidiam no perigo ainda actual do terrorismo (e.g., "a ameaça continua a existir, é real, não nos afecta só a nós, afecta todos os países europeus ... e ninguém sabe quem será o próximo") e na ineficácia ou dificuldade dos diversos países, incluindo Portugal, em impedir a ameaça. O vídeo que pretendeu induzir a revolta continha imagens de terroristas com mensagens de incentivo ao ódio e à vingança contra o ocidente, bem como de manifestações de prazer perante os infortúnios dos "Ocidentais". O vídeo da tristeza focou o pesar e tristeza das vítimas e a destruição (e.g., embate dos aviões no World Trade Center e Pentágono; explosões na estação de Madrid). Cada vídeo foi editado com a inclusão de um tema musical específico, tendo este sido seleccionado de acordo com o estado emocional que se pretendia induzir: "Threnody to the victims of Hiroshima" de Pederecki para induzir o medo; "Adágio for Strings" de Samuel Barber para induzir a tristeza; e "Marte, o Mensageiro da Guerra" de Holst para induzir a raiva (Henriques & Lima, 2003; Mayer, Allen, & Beauregard, 1995).

Após esta manipulação, os participantes foram solicitados a reportar o seu estado emocional e, em seguida, foi avaliada a identificação com a posição/pessoa da vítima e a percepção de risco (cf. Estudo 1).

O estado emocional foi avaliado através de relato subjectivo, solicitando-se o participante a reportar o modo como se sentia no momento, em relação a um conjunto de estados afectivos (16 itens; formato de resposta de oito pontos, 1 = "Não sinto a emoção minimamente" a 8 = "Sinto a emoção com muito mais intensidade que antes") (cf. Lerner, et al., 2003a). Resultados de uma análise exploratória em componentes principais² permitiram agrupar os itens que medem as três emoções-alvo: Raiva (6 itens: enraivecido, furioso, encolerizado, irritado, revoltado, irado; $\alpha=.93$), Medo (4 itens: assustado, amedrontado, aterrorizado, nervoso; $\alpha=.91$) e Tristeza (6 itens: triste, desgostoso, com o "coração partido", deprimido, preocupado, desanimado; $\alpha=.87$). Com o intuito de dar continuidade ao estado emocional induzido, o relato das emoções, a identificação com as vítimas e a percepção de risco foram efectuados enquanto os participantes ouviam o excerto musical do vídeo a que foram expostos (cf. Henriques & Lima, 2003).

18

² Foi efectuada uma análise em componentes principais com rotação ortogonal (varimax) forçando-a a três dimensões e exigindo uma saturação factorial, para cada item, igual ou superior a .50.

Para n
tos po
avaliai
à iden
o mes
familia
envolv
familia
modo

RESU

Numa
sido b
Tristez
ciaran
intera
foi a e
a Tris
efectu
sentid
respe
za foi
3.79
4.58,
grup
sível
outra
tado
o rela
indej
Em v
grup
os re
rismi

Para medir os mecanismos de identificação foram usados seis dos itens propostos por Van Zomeren e Lodewijkx (2005). Os participantes foram solicitados a avaliar o modo como se sentiram durante a visualização do vídeo relativamente à identificação/posição (2 itens: "Tive a sensação de que era possível suceder-me o mesmo"; "Tive a sensação de que era possível suceder o mesmo aos meus familiares e amigos") ($\alpha=.87$); e à identificação/pessoa (4 itens; e.g., "Senti-me envolvido pelo sofrimento das vítimas"; "Senti-me envolvido pelo sofrimento dos familiares das vítimas") ($\alpha=.88$). O formato de resposta foi de 7 pontos (1="De modo algum" a 7="Bastante").

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa primeira análise, procurou-se verificar se a manipulação das emoções tinha sido bem sucedida mediante uma análise de variância (ANOVA) 3 (Grupo: Revolta, Tristeza e Medo) x 3 (Emoção: Revolta, Tristeza e Medo). Os resultados evidenciaram um efeito principal da Emoção, $F(2, 100)=7.21, p<.001$, e um efeito de interacção Grupo X Emoção, $F(4, 200)=6.62, p<.001$. Verificou-se que o Medo foi a emoção menos reportada pelos participantes ($M=4.15$) por comparação com a Tristeza ($M=4.48$) e a Revolta ($M=4.75$). Para interpretar a interacção foram efectuados contrastes planeados que evidenciaram que a Raiva foi a emoção mais sentida pelo grupo que pretendia induzir a Raiva ($M=5.22$ vs $M=4.12$ e $M=4.89$, respectivamente para o grupo Medo e Tristeza), $F(2, 103)=3.62, p<.05$; a tristeza foi também sentida com maior intensidade no grupo Tristeza ($M=5.16$ vs. $M=3.79$ e $M=4.50$, respectivamente para os grupos Medo e Revolta), $F(2, 104)=4.58, p<.05$. Porém, a emoção Medo foi sentida de modo semelhante pelos três grupos, não evidenciando diferenças significativas, $F(2, 104)=.13 p >.05$. É possível que a ineeficácia da indução de medo, em comparação com a indução das outras emoções negativas, possa estar relacionada com a ausência de um atentado terrorista em Portugal nos últimos anos. Este facto também poderá explicar o relato de menor intensidade de medo por comparação com as outras emoções, independentemente da condição experimental.

Em virtude de a manipulação das emoções não ter sido bem sucedida para o grupo que pertenceu à condição de Medo, procurou-se analisar em que medida os relatos subjectivos das emoções são preditores da percepção de risco de terrorismo, sem ter em consideração a condição experimental. A opção por esta análise

estava também relacionada com o facto de terem sido várias as emoções reportadas nas três condições experimentais, o que sugere que a problemática do terrorismo não induz especificamente uma única emoção, mas um conjunto de emoções negativas. Foram efectuadas duas ARLM, método Stepwise, para identificar as emoções preditoras da percepção de risco para os dois alvos: o próprio e o outro. Tal como era esperado, o Medo evidenciou-se como preditor da percepção de risco do próprio vir a ser vítima de um atentado terrorista, $\beta=.41$, $t(105)=4.58$, $p<.001$, explicando 16% da variância total. No que se refere à percepção de risco do outro, destacou-se como preditor a Tristeza, $\beta=.35$, $t(105)=3.74$, $p<.001$, $r^2_{ajust} = .11$.

Em seguida, avaliou-se o papel mediador dos dois tipos de identificação (pessoa e posição) na relação entre as emoções preditoras da percepção de risco (si próprio e outro). Para o efeito foram efectuadas análises de mediação múltipla (cf. Preacher & Hayes, 2008). Considerou-se os resultados de testes paramétricos (método de regressão e teste Sobel) e não paramétricos (técnica de reamostragem *Bootstrap*). A Tabela 1 apresenta os valores dos coeficientes não estandardizados para as duas análises de mediação múltipla.

O uso de um modelo de mediação múltipla, além de permitir uma análise do efeito conjunto de várias mediadoras em simultâneo, também permite testar a significância dos efeitos indirectos específicos associados a cada mediadora. No entanto, é importante ter em consideração que um efeito indirecto específico não representa a capacidade dessa variável mediar o efeito da VI na VD, mas representa a sua capacidade de mediar a relação, controlando o efeito das outras variáveis colocadas no modelo. Assim, no que se refere à relação entre o medo e a percepção de risco de terrorismo quando o alvo é o próprio, verifica-se que, em conjunto, os dois tipos de identificação (posição e pessoa) apresentam-se como mediadores. Como mostra a Tabela 1, os efeitos total e directo são significativos.

VI (x) Emo
Med (M) I
VD (y) (Pe)
Efeito (x e
Efeito (M
Efeito tota
Efeito dire
Z (Sobel)
Bootstr
BCa 95%
R^2 ajust

Nota. * $p <$
com a técn
são valore!

Em term
controlar
(controla
da relaç
atentad
indicand
sendo o
cepção (

dé risco
para un
vítima e
posição
rem ass
relação
(r^2 $ajust$

TABELA 1

Análises dos efeitos indirectos na Mediação Múltipla das Emoções na Percepção de Risco através de testes paramétricos - método de regressão dos Mínimos Quadrados Ordinários e Teste Sobel (Z) – e não paramétricos - Técnica da Reamostragem Bootstrap ($n=105$;1000 reamostragens).

VI (x) Emoções		Medo		Tristeza	
Med (M) Identificação		Pessoa	Posição	Pessoa	Posição
VD (y) (Percepção de risco)		Próprio			Outro
Efeito (x em M)		.38***	.39***		.45*** .41***
Efeito (M em y)		-.29*	.58***		-.20 .40***
Efeito total (x em y)	.32***			.30***	
Efeito directo (x em y)	.21**			.22**	
Z (Sobel)	2.21*	-1.97*	3.64***	-1.20	-1.19 2.63*
Bootstrap	.11	-.11	.22	.07	-.09 .17
BCa 95% IC	Limite Inferior	.01	-.23	.12	-.06 -.24 .06
	Limite Superior	.23	-.02	.35	.21 .05 .34
R^2 ajust	.30			.18	

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; BCa 95% IC – intervalos de confiança a 95% com a técnica Bootstrap, método Bias Corrected, para 1000 reamostragens ; Os coeficientes são valores não-estandardizados

Em termos dos efeitos indirectos específicos, verifica-se que a identificação/pessoa (ao controlar a identificação/posição) ($Z=-1.97$, $p < .01$), e a identificação/posição (controlando a identificação/pessoa) ($Z=3.64$, $p < .001$) são ambas mediadoras da relação entre o medo e a percepção de risco do próprio vir a sofrer de um atentado. O teste que contrasta os dois mediadores foi, no entanto, significativo, indicando que o contributo destes efeitos indirectos é distinto ($Z=-3.14$, $p < .01$), sendo o efeito de mediação da identificação/posição na relação entre medo e percepção de risco superior, quando comparado com o efeito do medo na percepção de risco mediado pela identificação/pessoa. Verifica-se assim que o medo contribui para uma maior identificação com o sofrimento da vítima e com a posição da vítima e, por sua vez, a identificação/pessoa (efeito atenuador) e a identificação/posição (efeito potenciador) afectam a percepção de risco. Estes resultados sugerem assim que os processos de identificação permitem explicar parcialmente a relação entre o medo e a percepção de risco do próprio ser vítima de um atentado ($r^2_{ajust}=.30$).

No que diz respeito à relação entre a tristeza e a percepção de risco de outra pessoa sofrer um atentado terrorista, verificámos, quer através do teste de Sobel, ($Z=1.20, p>.05$), quer pela técnica de *Bootstrap* (ver tabela 1), que o efeito indirecto total da mediação é não significativo. No entanto, atendendo a que é possível que ocorram efeitos indirectos específicos na presença de um efeito indirecto total não significativo, na presença, por exemplo, de um efeito supressor de uma das variáveis (cf. MacKinnon, Krull, & Lockwood, 2000), considerámos relevante analisar o efeito mediador da identificação/posição isoladamente, já que este se mostrou significativo quando controlado o efeito da identificação/pessoa. Os resultados da mediação mostram um efeito indirecto parcial da mediação, evidenciando que a tristeza afecta a percepção de risco em parte devido a uma maior identificação com a posição da vítima.

Concluindo, os resultados deste estudo evidenciam a importância das respostas afectivas nas cognições. Verificou-se, como seria de esperar, que o medo e a tristeza – emoções associadas habitualmente a percepção de incerteza e insegurança (Ortony, et al., 1988) – foram preditoras da percepção de risco. Consistente com a literatura nesta área, quanto maior o medo experienciado pelo indivíduo, maior a percepção de risco de o próprio ser vítima de um atentado. Este resultado era esperado na medida em que emoções de medo e ansiedade tendem a estar associadas a um aumento da sensibilidade e atenção face a situações de ameaça, sentimentos de insegurança, vulnerabilidade e maior percepção de falta de controlo sobre a situação, factores estes relacionados com uma maior percepção de risco (Lerner & Keltner, 2001). Destaque-se ainda que a associação entre a ansiedade e a sobreavaliação da percepção de risco tenda a ser mais elevada quando se trata de eventos negativos com forte relevância pessoal (Butler & Mathews, 1987), o que geralmente contribui para comportamentos de evitação do risco (cf. Lerner & Keltner, 2000). No entanto, foi interessante verificar que um maior relato de tristeza foi preditor do julgamento de risco de outra pessoa ser vítima de um atentado. Este resultado sugere que diferentes emoções desempenham um papel distinto nos julgamentos de risco sobre nós próprios vs. outras pessoas. O facto de a tristeza (em particular quando é moderada a sua intensidade, como foi o caso do presente estudo) estar habitualmente associada a um processamento de informação *bottom-up* orientado para factores externos (e.g., Bless & Fiedler, 2006) também pode facilitar a compreensão deste resultado. Por outro lado, é consistente com os resultados obtidos no estudo de Johnson e Tversky (1983), ao verificarem que um

estado negativo um jovem cont elevadas sobre pessoas". É po da teoria da re experienciadas congruente co Consistente co Bower, uma e infortúnios de onde outras pe maior crença na De modo semelhante lugar gerador o próprio estímulo a estes processos diadores. Os resultados da posição da vítima ambas as empatias (com o outro), quando tram assim que (i.e., a ideia de suceder ao próprio) percepção de

Destacamos, finalmente, que a tristeza é uma forte preditora da percepção de risco. O resultado é, no entanto, que esta emoção tende a estar associada a outras emoções (Hudson & Johnson, 2005), o que pode explicar a investigação de Johnson e Tversky (1983) sobre o risco e optimismo.

estado negativo induzido pela leitura de um artigo de jornal acerca da morte de um jovem contribuiu para que os participantes desenvolvessem estimativas mais elevadas sobre a possibilidade de eventos futuros negativos sucederem a "outras pessoas". É possível que estes resultados possam ainda ser interpretados à luz da teoria da rede de Bower (1981), na medida em que as emoções específicas experienciadas com maior intensidade poderão ter activado uma rede associativa congruente com a emoção e posteriormente usadas para formar os julgamentos. Consistente com o estudo de DeSteno e colaboradores (2000) e com a teoria de Bower, uma explicação possível é a de que a tristeza experienciada perante os infortúnios de outras pessoas tivesse activado ideias de que o mundo é um lugar onde outras pessoas são vítimas de infortúnios, contribuído deste modo para uma maior crença na probabilidade de eventos da mesma natureza ocorrerem aos outros. De modo semelhante, o medo tende a activar pensamentos de que o mundo é um lugar gerador de incerteza e insegurança para o próprio, contribuindo para que o próprio estimasse a probabilidade de ser alvo de um atentado. Em alternativa a estes processos, foram considerados os mecanismos de identificação como mediadores. Os resultados obtidos permitem-nos concluir que a identificação com a posição da vítima contribui para explicar parcialmente os resultados do efeito de ambas as emoções (medo e tristeza) numa maior percepção de risco (próprio e outro), quando controlado o efeito da identificação/pessoa. Estes resultados ilustram assim que são fundamentalmente processos de identificação auto-centrados (i.e., a ideia de que um atentado terrorista e as consequências da vítima podem suceder ao próprio) que mais contribuem para explicar o efeito das emoções na percepção de risco de terrorismo.

Destacamos, por fim, que a raiva não emergiu nos modelos de regressão enquanto preditora, ao entrar na equação em conjunto com a tristeza e o medo. Este resultado é, no entanto, compreensível se tivermos em conta que esta emoção tende a estar associada a menor percepção de risco por comparação com as outras emoções (Huddy, et al., 2007; Lerner, et al., 2003a). É igualmente consistente com a investigação que evidencia a associação da raiva a maiores comportamentos de risco e optimismo (Lerner & Keltner, 2000; Lerner & Tiedens, 2006).

CONCLUSÃO GERAL

Este artigo apresentou o resultado de dois estudos empíricos que visaram a identificar de variáveis psicológicas preditoras da percepção dos Portugueses sobre o risco de terrorismo, analisado ainda possível processos explicativos da relação entre emoções específicas e a percepção de risco.

De um modo geral, o Estudo 1 permite-nos concluir sobre a relevância do contacto directo (conhecimento de vítimas dos atentados) e indireto (exposição frequente à TV) com vítimas de terrorismo, e do grau de controlo externo que a pessoa crê ter efeito sobre futuros eventos na percepção de risco.

Numa outra perspectiva, e recorrendo a uma metodologia experimental, foi desenvolvido o Estudo 2 para investigar a relevância de emoções negativas específicas na percepção de risco e o possível papel mediador da identificação com a vítima (posição e pessoa) na relação entre estas variáveis. Os resultados obtidos corroboraram o pressuposto de que diferentes emoções negativas influenciam os julgamentos de risco de modo específico. O medo foi preditor da avaliação de risco para o próprio, enquanto a tristeza foi preditora da avaliação de risco quando o alvo é o outro. Em ambos os modelos, a identificação com a posição da vítima contribuiu para explicar a relação entre as emoções experienciadas e a percepção de risco. Estes resultados conduzem-nos a importantes conclusões gerais sobre investigação futura nesta área. Primeiro, sobre a necessidade de avaliar e diferenciar as emoções negativas para compreender os seus distintos efeitos. Segundo, a relevância em desenvolver investigação que permita compreender os mecanismos psicológicos acerca da relação entre emoções e cognição.

Resumo: Vários estudos mostraram que a exposição a informações de terrorismo e sua vez pode afetar a percepção de risco. Este artigo visa complementar estes resultados com futuros atentados de terrorismo que incluía variáveis como a media, *locus of control* (self ou other), a identificação com a vítima, bem como os preditores de risco. Os resultados mostraram que o medo é o maior preditor da percepção de risco, seguido da tristeza. A identificação com a vítima também tem um efeito significativo na percepção de risco.

Palavras-chave: terrorismo, emoções negativas, percepção de risco.

Abstract: Several studies have shown that exposure to terrorism information can affect risk perception. This article aims to complement these results with future terrorist attacks that include variables such as the media, *locus of control* (self or other), identification with the victim, as well as risk predictors. The results showed that fear is the main predictor of risk perception, followed by sadness. Identification with the victim also has a significant effect on risk perception.

Resumo: Vários autores destacam que a maioria do conhecimento público sobre terrorismo e sobre os seus efeitos nas vítimas é influenciado pelo media, o que por sua vez pode afectar as emoções, cognições e comportamentos das pessoas. Este artigo visa compreender o modo como os Portugueses percepcionam o risco de futuros atentados terroristas. Dois estudos avaliaram os preditores da percepção de risco de terrorismo. No Estudo 1 foi aplicado um inquérito a 318 participantes que incluía várias medidas, tais como estimativas de frequência de exposição aos media, *locus* de controlo, confiança institucional, e percepção de risco (próprio e outro). Os resultados indicam que conhecer uma vítima de um atentado terrorista, bem como acreditar que factores externos determinam os eventos, foram preditores de uma maior percepção de risco, quando o alvo é o próprio. Quando fazem julgamentos de risco para os outros, a frequência de exposição à televisão mostrou ser também um preditor significativo. O Estudo 2 ($N = 105$ participantes) foi conduzido para analisar o tipo de emoções negativas específicas (medo, tristeza, e/ou raiva) afectam a percepção de risco. Adicionalmente, foram analisados alguns mecanismos psicológicos para explicar a relação entre emoções e percepção de risco. Os resultados indicaram que a resposta de medo foi preditora de maiores estimativas de risco para o próprio, enquanto a tristeza foi preditora de maiores estimativas de risco para os outros. Destaque-se ainda que a identificação com a posição das vítimas contribuiu para explicar a relação entre as emoções e a percepção de risco.

Palavras-chave: terrorismo, percepção de risco, locus de controlo, emoções negativas, processos de identificação.

Abstract: Several authors highlight that most public knowledge about terrorism and its effects on victims is influenced by the media, which in turn may affect people's emotions, cognitions and behaviors. This article aims to understand how Portuguese perceive the risk of future terrorist attacks. Two studies examined the predictors of terrorism risk perception. In Study 1 a survey was administrated to 381 participants, which included several measures, such as estimates of the frequency of exposure to media, locus of control, institutional trust, and risk perception (self and other). Results indicates that knowing a victim of a terrorist attack, as well as believing that external factors primarily determine events, were predictors of greater risk perception, when the target was the self. When judging the risk for others, the frequency of exposure to television was also a significant predictor.

Study 2 (N=105 participants) was conducted to analyze what specific negative emotions (fear, sadness, and/or anger) affects risk perception. Additionally, some psychological mechanisms for the relation between emotions and risk perception were analyzed. Results indicated that fear response predicted greater risk estimates for the self, whereas sadness predicted greater risk estimates for others. Also importantly, sadness predicted greater risk estimates for others. Also importantly, identification with the victim's position accounted for the relation between those negative emotions and risk perception.

Keywords: terrorism, risk perception, locus of control, negative emotions, identification processes

Referências

Anderson, T. (200
of uncertainty. Pa
Australian Associa

Batson, C. D. (19
& G. Lindzey (Ed
Boston: McGraw-

Baumeister, R. F.,
ger than good. R

Beutler, L., Reyes
tal health profes:
Larry E. Beutler, .
rorism (pp. 32-5!

Bless, H., & Fied
and behavior. In
84). New York: F

Breckenridge, J.
chology of mass
James N. Brecke
133). New York:

Burkitt, I. (2005)
on Terror'. *Social*

Butler, G., & Ma
Therapy and Re

Canter, D. (200
Canter (Ed.), *Th*
Wiley & Sons.

Referências

- Anderson, T. (2008). *The many faces of uncertainty: getting at the anthropology of uncertainty*. Paper presented at the Creativity and Uncertainty Conference. The Australian Association of Writing Programs, p. 1-8.
- Batson, C. D. (1998). Altruism and prosocial behaviour. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (Vol. 2, pp. 282-316). Boston: McGraw-Hill.
- Baumeister, R. F., Bratslavsky, E., Finkenauer, C., & Vohs, K. D. (2001). Bad is stronger than good. *Review of General Psychology*, 5, 323-370.
- Beutler, L., Reyes, G., Franco, Z., & Housley, J. (2007). The need for proficient mental health professionals in the study of terrorism. In Bruce Bongar, Lisa M. Brown, Larry E. Beutler, James N. Breckenridge & P. G. Zimbardo (Eds.), *Psychology of terrorism* (pp. 32-55). New York: Oxford University Press.
- Bless, H., & Fiedler, K. (2006). Mood and the regulation of information processing and behavior. In J. P. Forgas (Ed.), *Affect in social thinking and behavior* (pp. 65-84). New York: Psychology Press.
- Breckenridge, J. N., & Zimbardo, P. G. (2007). The strategy of terrorism and the psychology of mass-mediated fear. In Bruce Bongar, Lisa M. Brown, Larry E. Beutler, James N. Breckenridge & P. G. Zimbardo (Eds.), *Psychology of terrorism* (pp.116-133). New York: Oxford University Press.
- Burkitt, I. (2005). Powerful emotions: Power, government and opposition in the 'War on Terror'. *Sociology-the Journal of the British Sociological Association*, 39 (4), 679-695.
- Butler, G., & Mathews, A. (1987). Anticipatory anxiety and risk perception. *Cognitive Therapy and Research*, 11 (5), 551-565.
- Canter, D. (2009). The multi-faceted nature of terrorism: an introduction. In D. Canter (Ed.), *The faces of terrorism: multidisciplinary perspectives*. Oxford, UK: John Wiley & Sons.

- Cohen, E., Chazan, S., Lerner, M., & Maimon, E. (2010). Posttraumatic play in young children exposed to terrorism: An empirical study. *Infant Mental Health Journal*, 31 (2), 159-181.
- DeSteno, D., Petty, R. E., Wegener, D. T., & Rucker, D. D. (2000). Beyond valence in the perception of likelihood: The role of emotion specificity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (3), 397-416.
- DiMaggio, C., & Galea, S. (2006). The behavioral consequences of terrorism: A meta-analysis. *Academic Emergency Medicine*, 13 (5), 559-566.
- Europol. (2009). *The European Union Terrorism situation and Trend Report (TE-SAT)*. Retrieved from <http://www.statewatch.org/news/2009/apr/europoltesat-2009.pdf>.
- Félix, C. (2004). Breve incursão histórica, social e psicológica sobre o terrorismo. *Nação e Defesa*, 109, 153-174.
- Finucane, M. L., & Holup, J. L. (2005). Psychosocial and cultural factors affecting the perceived risk of genetically modified food: An overview of the literature. *Social Science & Medicine*, 60, 1603-1612.
- Fischhoff, B., Gonzalez, R. A., Lerner, J. S., & Small, D. A. (2005). Evolving judgments of terror risks: Foresight, hindsight, and emotion. *Journal of Experimental Psychology-Applied*, 11 (2), 124-139.
- Forgas, J. P. (2009). Affect in legal and forensic settings: The cognitive benefits of not being too happy. In B. H. Bornstein & R. L. Wiener (Eds.), *Emotion and the law: Psychological perspectives (Nebraska Symposium on Motivation)* (Vol. 56, pp. 13-44). New York: Springer.
- Fredrickson, B. L., Tugade, M. M., Waugh, C. E., & Larkin, G. R. (2003). What good are positive emotions in crises? A prospective study of resilience and emotions following the terrorist attacks on the United States on September 11th, 2001. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (2), 365-376.
- Greening, L. (1999). The effects of terrorism on mental health: A review. *Psychological Bulletin*, 125 (2), 277.
- Henriques, A., & Lerner, J. S. (2006). The role of support and congruence in the relationship between emotional responses to terrorism and health risk behaviors. *Journal of Trauma and Stress*, 19 (2), 181-191.
- Huddy, L., Feldman, S., & Pitkänen, T. (2009). Political anxiety and ardent conservatism. *The political culture of Chicago*. Chicago: University of Chicago Press.
- Johnson, E. J., & Goldsmith, K. H. (2007). Risk. *Journal of Risk and Insurance*, 74 (1), 1-20.
- Keinan, G., Saad, E., & Shafrazi, S. (2008). The effect of terrorist attacks on public opinion. *Journal of Conflict Resolution*, 52 (2), 200-222.
- Keltner, D., Ellsworth, P. C., & Kupersmidt, C. (1998). The expression of sadness and the expression of anger. *Journal of Nonverbal Behavior*, 22 (1), 1-20.
- Lerner, J. S., & Scherer, K. R. (2004). The cognitive benefits of not being too angry. *Psychology, cognition, and emotion*, 15 (1), 1-20.
- Lerner, J. S., & Scherer, K. R. (2005). The cognitive benefits of not being too angry. *Psychology, cognition, and emotion*, 16 (1), 1-20.
- Lerner, J. S., & Scherer, K. R. (2006). The cognitive benefits of not being too angry. *Psychology, cognition, and emotion*, 17 (1), 1-20.
- Lerner, J. S., & Scherer, K. R. (2007). The cognitive benefits of not being too angry. *Psychology, cognition, and emotion*, 18 (1), 1-20.
- Lerner, J. S., & Scherer, K. R. (2008). The cognitive benefits of not being too angry. *Psychology, cognition, and emotion*, 19 (1), 1-20.
- Lerner, J. S., & Scherer, K. R. (2009). The cognitive benefits of not being too angry. *Psychology, cognition, and emotion*, 20 (1), 1-20.

Greening, L. (1997). Risk perception following exposure to a job-related electrocution accident: The mediating role of perceived control. *Acta Psychologica*, 95 (3), 267-277.

Henriques, A., M., P., & Lima M., L. (2003). Estados afectivos, percepção do risco e do suporte social: A familiaridade e a relevância como moderadores nas respostas de congruência com o estado de espírito. *Análise Psicológica*, 3 (XXI), 375-392.

Holtgrave, D. R., & Weber, E. U. (1993). Dimensions of risk perception for financial and health risks. *Risk Analysis*, 13 (5), 553-558.

Huddy, L., Feldman, S., & Cassese, E. (2007). On the distinct political effects of anxiety and anger. In A. Crigler, M. MacKuen, G. E. Marcus & W. R. Neuman (Eds.), *The political dynamics of feeling and thinking* (pp. 202-230). Chicago: University of Chicago Press.

Johnson, E. J., & Tversky, A. (1983). Affect, generalization, and the perception of Risk. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45 (1), 20-31.

Keinan, G., Sadeh, A., & Rosen, S. (2003). Attitudes and reactions to media coverage of terrorist acts. *Journal of Community Psychology*, 31 (2), 149-165.

Keltner, D., Ellsworth, P. C., & Edwards, K. (1993). Beyond simple pessimism: effects of sadness and anger on social-perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64 (5), 740-752.

Lerner, J. S., Gonzalez, R. M., Small, D. A., & Fischhoff, B. (2003a). Effects of fear and anger on perceived risks of terrorism: A national field experiment. *Psychological Science*, 14 (2), 144-150.

Lerner, J. S., Gonzalez, R. M., Small, D. A., & Fischhoff, B. (2003b). Emotion and perceived risks of terrorism: A national field experiment. *Advances in Consumer Research*, 30, 235-235.

Lerner, J. S., & Keltner, D. (2000). Beyond valence: Toward a model of emotion-specific influences on judgement and choice. *Cognition & Emotion*, 14 (4), 473-493.

- Lerner, J. S., & Keltner, D. (2001). Fear, anger, and risk. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81 (1), 146-159.
- Lerner, J. S., & Tiedens, L. Z. (2006). Portrait of the angry decision maker: How appraisal tendencies shape anger's influence on cognition. *Journal of Behavioral Decision Making*, 19 (2), 115-137.
- Lev-Wiesel, R., Al-Krenawi, A., & Sehwail, M. A. (2007). Psychological symptomatology among palestinian male and female adolescents living under political violence 2004-2005. *Community Mental Health Journal*, 43 (1), 49-56.
- Levenson, H. (1973). Multidimensional locus of control in psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 41 (3), 397-404.
- Lodewijkx, H. F. M., de Kwaadsteniet, E. W., & Nijstad, B. A. (2005). That could be me (or not): Senseless violence and the role of deservingness, victim ethnicity, person identification, and position identification. *Journal of Applied Social Psychology*, 35 (7), 1361-1383.
- Loewenstein, G. F., Weber, E. U., Hsee, C. K., & Welch, N. (2001). Risk as feelings. *Psychological Bulletin*, 127 (2), 267-286.
- Mayer, J. D., Allen, J. P., & Beauregard, K. (1995). Mood inductions for four specific moods: A procedure employing guided imagery vignettes with music. *Journal of Mental Imagery*, 19, 133-150.
- MacKinnon, D. P., Krull, J. L., & Lockwood, C. M. (2000). Equivalence of the mediation, confounding, and suppression effect. *Prevention Science*, 1, 173-181.
- Nabi, R., & Oliver, M. B. (Eds.). (2009). *The SAGE Handbook of media processes and effects*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Nations, U. (1987). *The Geneva Declaration on Terrorism*. UN General Assembly Doc. A/42/307. Disponível em <http://i-p-o.org/GDT.htm>
- Norris, F. H., Fri
Part II. Summar
try-Interperson
Norris, F. H., Fri
60,000 disaster
1981-2001. Psy
Ortony, A., Clore
Cambridge: Ca
Perloff, L. S., & I
to victimization
Relvas, J., Serra,
IPC de Levenso
Richardson, L.
threat. London,
Rotter, J. B. (19
reinforcement.
Shanahan, J., 8
and re-search.
Schuster, M. A.
M. N., et al. (2
2001, terrorist
Schwarz, N. (19
tions of affectiv
and cognition (
- Slovic, P. (Ed.).

- Norris, F. H., Friedman, M. J., & Watson, P. J. (2002). 60,000 disaster victims speak: Part II. Summary and implications of the disaster mental health research. *Psychiatry-Interpersonal and Biological Processes*, 65 (3), 240-260.
- Norris, F. H., Friedman, M. J., Watson, P. J., Byrne, C. M., Diaz, E., & Kaniasty, K. (2002). 60,000 disaster victims speak: Part I. An empirical review of the empirical literature, 1981-2001. *Psychiatry-Interpersonal and Biological Processes*, 65 (3), 207-239.
- Ortony, A., Clore, G. L., & Collins, A. (Eds.). (1988). *The cognitive structure of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Perloff, L. S., & Fetzer, B. K. (1986). Self-other judgments and perceived vulnerability to victimization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (3), 502-510.
- Relvas, J., Serra, A., Saraiva, C., & Coelho, I. (1984). Resultados da aplicação da escala IPC de Levenson a estudantes universitários. *Psiquiatria Clínica*, 5(3), 119-124.
- Richardson, L. (Ed.). (2006). *What terrorists want: Understanding the terrorism threat*. London, UK: John Murray.
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80 (1), 1-28.
- Shanahan, J., & Morgan, M. (1999). *Television and its viewers: Cultivation theory and re-search*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schuster, M. A., Stein, B. D., Jaycox, L. H., Collins, R. L., Marshall, G. N., Elliott, M. N., et al. (2001). A national survey of stress reactions after the September 11, 2001, terrorist attacks. *New England Journal of Medicine*, 345 (20), 1507-1512.
- Schwarz, N. (1990). Feelings as information: Informational and motivational functions of affective states. In E. T. H. R. M. Sorrentino (Ed.), *Handbook of motivation and cognition* (Vol. 2, pp. 527-561). New York: Guilford Press.
- Slovic, P. (Ed.). (2000). *The perception of risk*. London: Earthscan Publications.

SITUAÇÕES TRAI

Orlando Güete-Tu

A intervenção em c
brio psíquico das vi
do a sua seguranç
confrontar os prob
apropriadas são fu

As vítimas de catá
ções psicológicas,
psiquiátrica. Contu
clínicos que se en
ções mentais.

Independentemen
situações de crise
comportamento qu
cepção de um pro
tar este podem de
comportamentos !

O SUICÍDIO

As emergências p
e hetero-agressiv
ceiros, mas não s
próprio indivíduo,
destes últimos é c
por si própria uma
situação traumáti
geralmente acont
várias pessoas q

* Departamento de S
vio. A correspondênc
Psiquiatria do CHBA,